

**A LINGUAGEM FIGURADA EM “A HISTÓRIA DE UMA HORA”,  
DE KATE CHOPIN: O EFEITO DA IRONIA**

*Daryjane Pereira Costa* (UERN)

[daryjanecosta@alu.uern.br](mailto:daryjanecosta@alu.uern.br)

*Miriam Gurgel da Silva* (UERN)

[miriamgurgel@uern.br](mailto:miriamgurgel@uern.br)

*Meire Celedonio da Silva* (IFCE)

[mm.celedonio@gmail.com](mailto:mm.celedonio@gmail.com)

**RESUMO**

O conto norte-americano “A história de uma hora”, de Kate Chopin nos conduz a uma experiência de descobertas a partir da significação da palavra com sua linguagem irônica, construindo um discurso de medo e de liberdade na literatura. Diante disso, busca-se, por meio do texto literário, estratégias linguísticas que promovem efeitos de sentido no conto “A história de uma hora”. Para dar conta, teoricamente, deste estudo, nos ancoramos em Bakhtin (1981) para tratar do discurso literário, em Maingueneau (1997; 2008; 2009; 2010) para a relação entre linguística e literatura e em Hutcheon (2005) para evidenciar as relações de ironia na linguagem literária. A pesquisa se caracteriza, metodologicamente, em um estudo de natureza qualitativa-interpretativa. Os resultados sugerem que o texto literário não é um universo isolado, mas se revela de forma plurilinguística, pluridiscursiva e pluriestilística, revelando um espaço de embate de poder no campo da literatura.

**Palavras-chave:**

Linguagem figurada. “A história de uma hora. Análise do Discurso e Literatura

**ABSTRACT**

The North American short story “The story of an hour” by Kate Chopin leads us to a discovery experience based on the meaning of the word with its ironic language uses, which leads us to a discourse of fear and freedom. Therefore, we aim to find linguistic strategies for the effects of sense in this short story “The story of an Hour”. For the theoretical resources of analysis, we are anchored in Bakhtin (1981) in the study in Literature Discourse, Maingueneau (1997, 2008, 2009, 2010) concerning the relationship between Linguistics and Literature, and Hutcheon (2005) regarding the use of irony in Literature. The research is methodologically characterized in a qualitative-interpretative study. The results showed that the text in Literature is not an isolated universe, but it reveals itself in a multilingual, pluri-discursive and pluristilistic way, which demonstrates a space of power in literary language.

**Keywords:**

Figurative language. “The story of an hour”. Discourse Analysis and Literature.

## 1. Introdução

O conto “A história de uma hora” (*The story of an hour*) da escritora Norte-Americana Kate O’Flaherty Chopin (1851–1904) é representante da literatura Realista. A produção literária da autora pode ser considerada à frente do seu tempo, uma vez que, nos anos de 1800 iniciou-se a luta da mulher pelos direitos civis e esta história representa a saída de um ambiente masculinizado para outro de reconhecimento feminino. Quando a metafísica se colocou fora de moda na época, o desejo de entender a realidade da sociedade cresce e se intensifica. Com isso, a pragmática surge com a importância da prática, da ação, e das ações do período Realista, passando a se basear no contexto americano da Guerra Civil<sup>15</sup> com a fome, pobreza e luta de classes. Neste contexto, nasce uma literatura mais próxima do real, sem enaltecimento de personagens heroicos ou lugares ambientados em um mundo idealizado e isenção de imagens de batalhas, mas uma caracterização de personagens realistas, com verossimilhança bem mais forte e abordagem rica em detalhes com o mundo real.

O conto, escrito em 1894, nos mostra uma personagem feminina, a Sra. Louise Mallard. A personagem, após a chegada da notícia da morte repentina do seu esposo, é surpreendida com a viuvez e precisa encarar uma liberdade temporária da dominação de uma sociedade hegemonicamente masculina. A importância do conto se deve, dentre outros aspectos, à temática da divisão desigual entre os sexos nas relações matrimoniais em que o poder masculino se caracteriza como absoluto e supremo. Assim, como já apresenta o título, toda história acaba se passando dentro do período de uma hora, com um conflito que atinge duas reviravoltas. Essas duas reviravoltas mostram ao leitor a representação da dominação masculina no matrimônio, que, além disso, retrata uma época comprometida à mulher e que ainda reluz ao ponto de ainda estar presente na contemporaneidade.

A motivação deste estudo acerca do conto “A história de uma hora” se dá à magnífica maneira de Chopin em representar os sentimentos da liberdade (da repressão) e do medo (da liberdade) por meio da linguagem figurada fundamentada na ironia. Diante disso, o presente estudo busca constatar, por meio do texto literário, as estratégias linguísticas usadas na construção da narrativa associadas aos efeitos de sentido provo-

---

<sup>15</sup> Conflito armado entre dois grupos civis opostos que se enfrentaram e resultou em consequências para os sobreviventes, contexto esse que a autora Kate Chopin enfrentou junto com a sua família no estado da Louisiana, nos estados Unidos da América.

cados no leitor. Nessa perspectiva, o texto é visto, de acordo com Mainueneau (2006) e os seus estudos sobre a relação entre linguística e literatura, como processo verbal complexo, no qual intervém dimensão linguística e contextual e, assim, estabilizar a distância entre texto e contexto.

Uma vez que este estudo se adequa e contribui para a noção da função da literatura na sociedade como preconizado por Candido (2002). Este autor afirma que a literatura tem o poder e a função de explorar, denunciar e humanizar o homem, sendo, dessa forma, necessária para a vida humana, pela necessidade do homem imaginar, fantasiar e conhecer o outro, o discurso do outro e a influência da literatura sobre si.

Dessa forma, a constatação dos sentidos provocados pelo conto nos desperta para provocações, reflexões e exploração de temas que podem se relacionar com os tempos atuais em sociedade. O que remete a entender a literatura e a exploração do seu conteúdo como um papel importante para compreensão de estudos de épocas passadas que denunciavam, perturbam e mudam quando apontam a predominância e aprisionamento do ser humano atual, em especial, a mulher que se torna alvo dos discursos que predominantemente a desvalorizam enquanto ser humano que possui desejos e vontades.

Para o desenvolvimento deste estudo, inicialmente, contextualiza-se o conto, seu período histórico e a motivação do estudo, em seguida, organiza-se em partes que conduzem a entender a ironia enquanto mecanismo de construção de sentidos no texto de gênero conto dentro da esfera literária. Em um primeiro momento, abordamos a ironia enquanto atribuição de sentido, bem como, o processo da ironia em “A história de uma hora”. Além disso, tratamos a respeito do efeito da ironia em “A História de uma hora”, levando os leitores a entender o processo da ironia enquanto atribuição de sentidos na narrativa literária, quer seja por meio do aspecto estético, quer seja por meio do implícito e explícito (HUTCHEON, 2005) sobre a ironia e seus aspectos na literatura e por fim, a conclusão com os aspectos construídos e constatados após a exploração e análise do conto “A história de uma hora”

## **2. A ironia enquanto atribuição de sentido**

A ironia, conceituada e presente nos estudos de Hutcheon (2005), nos permite compreender o significado e a relevância desse mecanismo

linguístico para a construção de sentidos no texto literário e a atribuição estética ao texto. Diante disso, entende-se, por meio dos estudos da ironia, que ela acontece como um processo que constrói o como e por que está sendo dito e revelado de tal maneira e não de outra, construindo compreensões do texto literário.

Este estudo tampouco está organizado ao longo de linhas históricas, em parte porque já existem muitos estudos históricos de boa qualidade, e em parte porque, como você verá, a maneira particular que escolhi para examinar os problemas da ironia requer que eu trabalhe a partir do presente, a partir do meu próprio ato de **interpretar** – de **atribuir** – a ironia e me **mova para fora**, a partir dali, para tentar entender **como** e **por que** a ironia acontece. (HUTCHEON, 2000, p. 18 *apud* ARAGÃO, 2013, p. 06) (grifo nosso)

A ironia tem por objetivo uma denúncia que ficará implícita no texto, ela tende a ser descoberta, questionada e trazida à tona por meio de uma leitura dedicada e movedora que atribua significados por meio das entrelinhas do texto. Para isso, é necessário que aconteça a interpretação da sua mensagem, o destrinchar do texto de modo que o direcionamento ao processo irônico ocorrido em uma mensagem implícita ou explícita.

Nesse sentido, é possível constatar as causas da ironia, seus mecanismos e momentos ocasionados, uma vez que ela poderá mudar o enredo de um texto literário, provocando reviravolta e êxtase até ser descoberto o seu processo para atribuição de sentido. Sendo assim, a ironia proporciona um processo provocativo ou autoritário dependendo da sua política de organização, uma vez que ela pode atribuir sentidos implícitos ou impor autoridade em sentidos explícitos. Neste estudo sobre o conto “A história de uma hora”, o processo da ironia se desencadeia em uma ironia provocativa e autoritária, em um espaço implícito e explícito que exige do leitor a sua interpretação e movimento para fora do texto. Na esteira do que afirma Hutcheon,

Desnecessário dizer, a ironia pode ser **provocativa** quando sua política é **conservadora** e **autoritária** tão facilmente quanto quando sua política é de **oposição** e **subversiva**: depende de quem a está usando/atribuindo e às custas de quem se acredita que ela está funcionando. Tal é a natureza transideológica da ironia. (HUTCHEON, 2000, p. 34 *apud* ARAGÃO, 2013, p. 11) (grifo nosso)

Desse modo, ela é construída em uma ironia enquanto estética literária, ressaltando os seus aspectos textuais e/ou estéticos que ajudam a transmitir determinada mensagem, e a que focaliza esse estudo, a ironia enquanto atribuição de sentido na literatura, sendo vista em sua totalidade com a relação do implícito e explícito, do dito e do subtendido. A i-

ronia se processa em dois momentos: um primeiro que provoca sentidos e sensações, em que surgem as variadas interpretações, um segundo que se constitui em uma ironia que desinquieta, agita e revoluciona a história contada.

### **3. O processo da ironia em “A história de uma hora”**

A narração se desenvolve em torno de uma personagem feminina, enquanto a personagem principal, a Sra. Louise Mallard, uma mulher casada e presa em um contexto de opressão e submissão aos costumes da sociedade hegemonicamente masculina. Sr. Bently Mallard, o esposo da Sra. Louise Mallard, também o dono da casa e um dos personagens essenciais para se desenvolver todo o enredo. O Sr. Mallard é aquele que carrega a responsabilidade da manutenção da casa. O conto “A história de uma hora” trata de uma situação da vida de Louise Mallard que, em determinado momento de sua vida, é informada sobre a morte do seu esposo. Por conta dos problemas cardíacos, Louise Mallard deve ser informada com todos os cuidados necessários sobre a tragédia da morte do esposo.

A narração começa no momento em que Josephine, irmã de Louise Mallard, fala sobre um grave acidente de trem. A personagem Josephine mostra ser uma menina preocupada e por dentro da situação e do contexto em que Louise Mallard enfrentava enquanto cardíaca, ao mesmo tempo em que se preocupa com a situação da irmã em uma sociedade patriarcal que confere à mulher um papel de esposa e mãe. Além disso, Josephine se mostra preocupada por ser uma moça solteira, sem um sobrenome de um homem, ao contrário de sua irmã.

Além de Josephine, Richards, amigo da família, traz a notícia que abre portas para uma possível libertação da Sra. Mallard. Richard soube de um desastre em uma estação de trem enquanto estava na redação do jornal e viu o nome de Bently na lista de mortos. Ao ser informada da morte do marido, Louise sobe para seu quarto para ficar sozinha e viver seu momento de luto. A partir desse momento, o conto se passa com uma evolução de sentimentos de medo e de perda e que se esbarra em um momento libertário de plenitude e desapego, ou seja, de um antes e depois. A mulher já tinha um histórico de uma doença cardíaca, o que se pode ter como um pressuposto de uma vida atormentada e indesejada diante dos conceitos e obrigações que colocavam na mulher do cotidiano daquela época de conturbações sociais e sentimentais.

**Ela não ouviu o relato da mesma forma que outras mulheres teriam ouvido**, com uma incapacidade paralisada para aceitar seu significado. Chorou imediatamente, nos braços de sua irmã, com súbito e selvagem abandono. Quando se desanuviou a tempestade da dor ela se recolheu, solitária, em seu quarto. Não queria que ninguém a acompanhasse. (CHOPIN, 1984, p. 777) (grifos nossos)

A primeira reviravolta na narrativa é a notícia da morte do seu marido, que lhe trouxe angústia, lágrimas e medo, tanto pelo amor que ela sentia por seu marido, quanto pelo medo de estar e ser sozinha. O medo de encarar o mundo sozinha, já que na época a mulher tinha por obrigação ter um homem ao seu lado, e a sensação de não ter a conduzir a um arrebatamento de tristeza, todavia, existe uma força interna que invadia o ser da personagem, como a liberdade que ela sentia ao saber que estava livre da necessidade de estar acompanhada, o olhar sobre a mulher como um ser inútil estando só. A partir disso, a personagem faz reflexões sobre sua situação provocadas pelos últimos acontecimentos, o que iria acontecer, como seria sua vida e como seria viver sem amarras, inutilidade e opressão.

O medo e sensação de abandono espelham também o sofrimento da mulher com a sua situação, pois gerou na Sra. Mallard um espírito de incapacidade velada ao estar ao lado do seu marido como propriedade. 2 O súbito, a epifania acontecida após a morte do seu marido, a quebra dos paradigmas vividos, do encontro com ela mesmo, com seu ser real, dotado de possibilidades e desejos, fez com que a Sra. Mallard fosse uma mulher diferente das outras do seu tempo, pois ela não sentiu a notícia como as demais mulheres sentiriam na sua. A notícia não chega a atingir apenas o seu corpo, mas a sua alma, toda uma história que ela carregava naquela casa.

[...] Ali estava, de frente para a janela **aberta**, uma poltrona **confortável** e **espaçosa**. Nela se afundou, **pressionada** por uma exaustão física que perseguia seu corpo e parecia atingir sua alma [...]. (CHOPIN, 1984, p. 777) (grifos nossos)

Percebe-se que no primeiro momento em que Mallard recebe a notícia há reações de desânimo e medo do abandono, os adjetivos apresentados pelo narrador como “**aberta**”, “**confortável**”, “**espaçosa**”, “**pressionada**” são elementos que contribuem para mostrar as (im)possibilidades de uma vida. Porém, no segundo momento há um recolhimento para o seu quarto, sem que ninguém a acompanhasse. É neste momento que o Narrador começa a percorrer os sentimentos de Louise e passa a descrever, possível pela onisciência do narrador, o que se passa

na mente da personagem em seu momento solitário diante das demais personagens, diminuindo a distância entre personagem e leitor, situando-nos no momento de despertar da Louise Mallard.

Pelo quadrado **aberto** diante de si, ela podia ver os topos das árvores em alvoroço com a chegada da primavera e da **vida nova**. Um delicioso aroma de chuva impregnava o ar. Na rua logo abaixo, um mascate anunciava suas mercadorias. (CHOPIN, 1984, p. 778) (grifos nosso)

Em seu quarto Louise, senta, olha pela janela aberta as árvores, as nuvens brancas no céu, sente o cheiro da chuva, ouve os pardais e ouve alguém cantando. Ao mesmo tempo em que se sente apreensiva, também começa a perceber emoções crescentes dentro dela. A personagem principal passa a sentir a chegada de uma vida nova, um momento de paz que ela podia encontrar a beleza até mesmo fora da sua casa, nos elementos da natureza, fenômenos naturais, sons musicais.

Essa riqueza de detalhes de ações e emoções de medo, angústia, esperança e paz de um novo momento a ser vivido, algo não visto antes, trazidas pelo narrador para a nova vida, desperta a sensação de plenitude e liberdade não só na protagonista, como também no leitor. Esta aproximação do leitor e da personagem principal coloca-o como coautor na contradição baseada e intercalada com desejos, vontades, prazeres, limitações, prisões emocionais quebradas em pontos de renovação, revigoração do ser. “(...) As notas de um canto distante, que alguém cantava, chegavam-lhe fracamente, e inúmeros pardais gorjeavam nos beirais (...)” (CHOPIN, 1984, p. 777).

Neste momento da narrativa a fronteira entre a voz do narrador e a voz da personagem principal se misturam, embora a personagem tenha vida própria e seja autônoma dentro do enredo, uma vez que todo personagem é construído para representar um comportamento a partir de uma realidade. O contexto dialógico entre narrador e personagem em uma narrativa oferece ao leitor maior proximidade com a história e uma identificação com a personagem fictícia da literatura de vários modos (BAKHTIN, 1981). Dessa maneira, a relação dialógica entre leitor, personagem, narrador e autor funcionam como um conjunto de vozes interdependentes, sendo determinante na criação de efeitos de sentido e subversão de significados que, ao final de “A História de uma hora”, culminará no mapeamento da ironia.

#### 4. O efeito da ironia em “A História de uma hora”

A ironia também conduzida pelo com o momento de epifania contida do encontro da Sra. Mallard junto ao seu medo com a sua liberdade almejada e inesperada que vinha ao seu encontro, pois ela tinha medo do novo, da quebra do que vivia há tantos anos, na sua casa e na sociedade. Então, ao perceber que chega à quebra do momento de repressão, o sentimento de liberdade a invade. “(...) Ela dizia isso sem parar”: livre, livre, livre! “O olhar vago e o olhar de terror que o acompanhava sumiram dos olhos dela (...)” (CHOPIN, 1984, p. 777), esse terror que a acompanhava, segundo Bakhtin (1981) direciona a entender um discurso que ressalta outro, uma situação que aponta outra passada, uma vez que, nenhum discurso é isolado, mas construído dialogicamente.

Desse modo, agora, a Sr<sup>a</sup> Mallard se livraria de todas as aflições e imposições colocadas sobre a sua vida, por mais que ela amasse o seu marido, o desejo de viver para si mesmo, de confiar em si e fazer algo para ser uma mulher satisfeita consigo mesma ultrapassa esse amor. Agora, o seu sentimento seria o mais importante, o que ela imaginava não ser bom, não ser cheio de vida pelo medo e angústia, agora ela desfrutaria de uma vida cheia de sentido “Livre! Corpo e alma livres!”, Ela continuava sussurrando (p. 177).

O que por fim, acontece a segunda reviravolta com um final irônico, o término da sensação de entendimento e plenitude de vida, a chegada da sua impossibilidade já tida como finda, agora, a Sra. Mallard já não precisava continuar a viver a mesma vida de antes, pelo menos chegou a sentir a liberdade não vista anteriormente. Sendo capaz de sentir a sua utilidade, a identidade, reconhecimento e revelação dos seus desejos, tanto dentro de casa, quanto fora, na sociedade. “(...) Quando os médicos chegaram, disseram que ela **morrera** de uma doença cardíaca - de uma **alegria** que mata (...)” (CHOPIN, 1984, p. 178).

Uma verdadeira felicidade fulminante, a morte que proporcionará a alegria e realização, “**morte**” e “**alegria**”, termos linguísticos que se relacionam para o sentido do texto literário, o que apresenta Maingueneau (2006) abordando o texto como processos verbais que enlaçam a linguística e a literatura, deste modo, a “**morte**” e a “**alegria**” como elementos linguísticos que semiotizam a ironia no texto, o que aponta Hutcheon (2005) como simbolização de provocação e agitação causadas pelo uso da ironia e sua organização, movendo o leitor para fora do texto e apresentando os sentidos provocados a partir das reviravoltas causadas.

O conto realista analisado, não só nos traz uma imagem de uma época passada, como também, nos incentiva a perceber questões norteadoras sobre o patriarcado, a falta de identidade feminina, o descaso com os desejos, sonhos e direitos da mulher, isso, inquietando o leitor a imaginar a relação entre homem-mulher-liberdade. A ironia contida no final da história nos mostra a realidade que a mulher se encontrava a viver sob desejos violados, colocando-a sobre submissão, então, a ironia aparece ao surgir uma sensação de pavor e liberdade.

O percurso passado pela personagem, de Sra. Mallard para Louise Mallard quando ganha uma identidade e o seu final, a volta para sua prisão social, a sua falta de identidade – Sr<sup>a</sup> Mallard apresenta, pressupostamente, as vontades de um homem sobre as da mulher, o pensamento do homem infiltrado na vivência dela, assim como o pensamento social que poderia olhar diferente para ela após essa libertação, este pé a frente de uma época machista e desigual, o que fez dela uma mulher diferente com a sua postura de decidir sentir e aceitar a sua nova identidade.

Isso nos mostra o que as mulheres ainda carregam nos dias atuais, uma reflexão sobre a dor e a esperança em uma liberdade que a encontre, pois mesmo depois de tantos direitos alcançados, a mulher convive, ainda que de maneira indireta, com comentários, sujeições e ideologias de épocas como a da Sr. Mallard, desejando viver a tão sonhada liberdade da mulher Louise Mallard, a quase protagonista da sua história.

## **5. Considerações finais**

O texto literário não é um universo isolado, mas se revela de forma plurilinguística, pluridiscursiva e pluriestilística, demonstrando um espaço de poder na linguagem literária. Uma vez que, o texto segundo Maingueneau (2006) não pode ser visto apenas como um texto, mas também com o seu contexto, o que faz enaltecer o texto, os discursos e os seus elementos linguísticos que provocam sentidos e interpretações a partir de uma leitura atenta e analítica.

Diante disso, este estudo apresentou-se como fundamental para o processo da esquematização da ironia no texto literário, o que segundo Hutcheon (2005) apresenta-se como acontecimento de provocação e agitação na narrativa. E assim, espera-se que pesquisadores e leitores dos textos literários atentem-se a esse mecanismo linguísticos que é a ironia e como ela pode ser encontrada se forma implícita e explícita. Dessa for-

ma, buscou-se configurar o estudo do conto “A hora da estrela” como um desinibidor de outras pesquisas e até mesmo disparador aos leitores desavisados sobre a relação entre linguística e literatura.

Por isso, entende-se que essa foi uma leitura dialógica que produz sentidos e contribuições a vida humana, retomando outros discursos e provocando outros acerca das questões relacionadas a mulher em sociedade, o que de acordo com Bakhtin (1981), nenhum discurso age sozinho, todo discurso dialoga com outro.

Nesse sentido, a contribuição, o processo e efeito da ironia no conto “A história de uma hora” mostrou-se como uma leitura de mundo crítica e reflexiva, que assim como a função da literatura Candido (2002), perturba e nos faz pensar sobre as relações de poder, desvalorização e falta de identidade da mulher em uma sociedade compostas de discursos opressores e desumanos a vida feminina.

Em linhas gerais, como possibilidades criadas, forma-se um espaço que une os conceitos de literatura, o recurso da ironia e o conto norte-americana, ressaltando diálogos necessários que constroem um leitor ativo e avisado das perturbações que ainda assolam os tempos atuais, culminando para focalização da literatura como necessidade humana.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, H. O. *Ironia e Literatura*. Anais do SILEL. Uberlândia: volume 3, Número 1. EDUFU, 2013.

BAKHTIN, M. M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

\_\_\_\_\_. O autor e o herói. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Trad. de Maria Ermantina Galvão G. Pereira São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. O romance de educação na história do realismo. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Trad. de Maria Ermantina Galvão G. Pereira São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CANDIDO, Antônio. A literatura e formação do homem. In: \_\_\_\_\_. *Textos de Intervenção*. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

\_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso*

comum. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

CUDDON, J. A. *The Penguin Dictionary of Literary Terms and Literary Theory*. London: Penguin Books, 1999.

\_\_\_\_\_. *Literatura para quê?*. Trad. de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

CHOPIN, Kate. *The Story of an Hour*. Estados Unidos: Vogue, 1894.

DUARTE, L. P. Arte & manhas da ironia e do humor. In: \_\_\_\_\_. *Ironia e humor na literatura*. Belo Horizonte: PUC Minas. São Paulo: Alameda, 2006.

EAGLETON, Terry. *The Ideology of the Aesthetic*. Inglaterra: Basil Blackwell Ltd., de Oxford, 1990.

\_\_\_\_\_. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.

\_\_\_\_\_. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como Analisar Narrativas*. São Paulo: Ática, 2002.

HUTCHEON, Linda. *Irony's Edge: The theory and politics of irony*. Londres; Nova York: Routledge, 2005.

\_\_\_\_\_. *Teoria e política da ironia*. Trad. de Julio Jeha. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

HANDWERK, Gary J. *Irony and Ethics in Narrative: From Schlegel to Lacan*. New Haven: Yale University Press, 1985.

LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

LAUTER, Paul. *A Companion to American Literature and Culture*. United Kingdom: Wiley-Blackwell, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. *Pragmática para o discurso literário*. Trad. de Marina Appenzeller. Revisão da tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

\_\_\_\_\_. *Discurso literário*. Trad. de Adail Sobral. São Paulo: Contexto,

2006.

REUTER, Yves. *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

TODOROV, Tzvetan. *Mikhail Bakhtine: le principe dialogique*. Paris: Éditions du Seuil, 1981.

\_\_\_\_\_. *As Estruturas Narrativas*. Trad. de Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.